



## **Reivindicando o valor das mulheres na Agroecologia** *Requiring the Value of Women in Agroecology*

FERREIRA, Ana Paula<sup>1</sup>; MOREIRA, Sarah Luiza; SILIPRANDI, Emma<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Actionaid, ana.paula@actionaid.org; <sup>2</sup> UnB, sarahluiza1982@gmail.com;

<sup>3</sup>UNIA emma.siliprandi@gmail.com

### **Eixo temático: Mulheres, feminismos e agroecologia**

**Resumo:** No Brasil, ao longo de aproximadamente 35 anos, a agroecologia vem demonstrando potencial de abrir espaços para que as agricultoras enfrentem sua condição de vulnerabilidade e conquistem mais poderes em várias esferas. Todavia, a perspectiva agroecológica, por si só, não é suficiente para superar a desvalorização e a invisibilidade das mulheres. Esse artigo tem como objetivo ampliar o debate sobre a importância de que essa questão seja considerada no debate agroecológico. É necessário que as relações sociais desiguais de poder que vivem as mulheres frente aos homens sejam problematizadas tanto nas práticas como nos estudos e pesquisas da agroecologia. O feminismo hoje no Brasil tem como base a construção de pensamento crítico e práticas transformadoras, sendo um movimento que expõe e questiona a opressão que o gênero masculino exerce sobre o gênero feminino. Também é uma prática política que questiona o papel de subordinação da mulher na sociedade, e, portanto, uma ferramenta de inclusão e reivindicação do valor das mulheres na agroecologia.

**Palavras-chave:** Feminismo; prática política; desigualdades.

**Keywords:** Feminism; political practice; inequalities.

### **Introdução**

No Brasil ao longo de aproximadamente 35 anos, a perspectiva agroecológica vem demonstrando potencial de abrir espaços para que as mulheres agricultoras enfrentem sua condição de vulnerabilidade e conquistem mais poderes nas esferas pessoal, produtiva, familiar e política. Nesse sentido, é crescente a contribuição de autoras brasileiras feministas que atuam no campo agroecológico, para a reflexão sobre o fato de que a agroecologia, por si só, não é capaz de valorizar e visibilizar a problemática das mulheres. Entre várias outras autoras, estão: Miriam Nobre (2005); Inês Burg (2005); Maria Emília Pacheco (2002, 2009); Vanessa Schottz (2009); Maria Virgínia Aguiar (2009); Laeticia Jalil (2013); Emma Siliprandi (2015); Ana Paula Ferreira (2015); Elizabeth Cardoso (2016) e Sarah Luiza Moreira (2019). Seus trabalhos embasam-se em experiências junto às iniciativas dos movimentos e organizações agroecológicas, e suas práticas e teorias vem se somando à de tantas outras mulheres de diversas partes do mundo - especialmente da América Latina - que consideram o diálogo entre as perspectivas agroecológica e feminista como um caminho necessário para o enfrentamento político aos desafios cotidianos vivenciados pelas mulheres no meio rural. Estas autoras, de diferentes formas, nos trazem a visão de que é inconcebível que a agroecologia em suas iniciativas, estudos e pesquisas, ignore as relações sociais desiguais de poder que vivem as mulheres frente aos homens, assim como são questionáveis o esquecimento e a



desvalorização da presença feminina na construção e crescimento da agroecologia no Brasil e em vários outros países. O feminismo vem sendo trabalhado por essas autoras como um pensamento crítico, um movimento que expõe, questiona e luta pela transformação das opressões que o gênero masculino exerce sobre o gênero feminino e uma prática política que questiona o papel de subordinação da mulher na sociedade. É, portanto, uma ferramenta de visibilização e valorização do trabalho e dos saberes das mulheres na agroecologia.

O diálogo entre as perspectivas agroecológica e feminista torna-se um caminho necessário para o enfrentamento político e científico de alguns dos desafios cotidianos vivenciados pelas mulheres na agricultura familiar. A consolidação da agenda feminista na agroecologia vem sistematizando um processo de construção política que tem realizado mudanças não somente na vida das mulheres agricultoras, mas na própria forma de conceber a construção da agroecologia. Como parte desse processo, em 2018 foi lançado o livro: “*AGROECOLOGÍA EN FEMENINO: Reflexiones a partir de nuestras experiencias*”, que, mais do que marcar a presença das feministas na agroecologia, foi fruto do debate sobre a invisibilização feminina, e da intervenção das mulheres e do movimento feminista. Nesse sentido, essa publicação trouxe, a partir de seus textos, registros das trajetórias de pesquisa, ensino e práticas na perspectiva agroecológicas de mulheres agricultoras, pesquisadoras de instituições públicas e privadas, assim como técnicas de organizações governamentais e não governamentais.

## **Resultados e Discussão**

As mulheres têm tido uma contribuição fundamental para a agroecologia, uma vez que são protagonistas das práticas agroecológicas e guardiãs da biodiversidade, das sementes e dos saberes. Nesse aspecto, a relação das mulheres com as sementes é histórica, desde os primórdios da agricultura, no ato da seleção, domesticação e cultivo. Mesmo com o processo da homogeneização e padronização do processo produtivo pela agricultura industrial e, no período mais recente, pela biotecnologia, as mulheres camponesas vêm contribuindo para a preservação das variedades, no incentivo à guarda e troca de sementes, como reflete Ana Paula Ferreira (2015).

Nos territórios é notória a contribuição das mulheres ao observar o ambiente trabalhado por elas, onde se encontra uma diversidade enorme de plantas - resultado das sementes e mudas coletadas por elas em diversos lugares. Esse trabalho muitas vezes não se dá sem conflitos na família, no que se refere à escolha da variedade que vai ser guardada, pois na maioria dos casos as mulheres buscam a qualidade das sementes para garantir maior diversidade, melhor alimentação e fácil preparo do alimento, sem necessariamente buscar a maior produtividade. O olhar das mulheres sobre as sementes está muito vinculado à soberania e à segurança alimentar (PACHECO, 2009; SILIPRANDI, 2015).

A partir desse entendimento as mulheres vêm, historicamente, construindo a



agroecologia, assim como faziam suas mães e avós que a praticavam, mesmo sem utilizar o termo e o conceito como referência. Mas foi a resistência delas o que garantiu a existência da diversidade de sementes e de práticas que hoje permitem que estejamos aqui e que, de outra forma, teriam se perdido pela difusão da revolução verde. Elas usam critérios não monetários, valorizam o autoconsumo e o fato de suas famílias se alimentarem sem veneno. Junto com o conhecimento e o cultivo de plantas medicinais, as mulheres valorizam o fato dessa alimentação diminuir a necessidade delas e de seus filhos irem ao médico. Têm, portanto, uma contribuição fundamental para a economia local, a partir de uma percepção não apenas de uma lógica mercadológica, mas voltada para o cuidado como forma de contribuir com a melhoria de vida das pessoas (PACHECO, 2009; CALAÇA, 2012; JALIL, 2013). Esse olhar sobre a importância de enxergar as mulheres como parte da agroecologia também é destacado pelas próprias agricultoras, invisíveis em seu cotidiano.

Na compreensão que nós temos da agroecologia, as mulheres fazem parte desse ambiente. Sem a participação efetiva delas, não tem agroecologia. Pode até ser uma produção orgânica, mas a agroecologia é a integração de todos os seres vivos. As mulheres precisam ter o seu espaço de decisão, poder dizer o que plantar, como, onde, para quê. (agricultora participante do IV ENA, 2018)

Como podemos ver nas mulheres que constroem a agroecologia desde os seus quintais, suas hortas, seus roçados, seus movimentos gritam por seu direito de ter poder de decisão sobre sua vida e sua produção: assim, afirmam que sem autonomia das mulheres não há agroecologia.

## **Conclusões**

Na junção entre o feminismo e a agroecologia, as mulheres encontram espaços para a desconstrução das bases insustentáveis do modelo de poder instituído, não somente do ponto de vista ecológico e político, mas também social, incluindo a busca da equidade nas relações de gênero. A perspectiva de ampliação da valorização do conhecimento local intrínseco na perspectiva agroecológica favorece a participação das mulheres em espaços de discussão dos sistemas agroflorestais, quintais produtivos, hortas comunitárias entre outros. Todavia, fortalecidas pela perspectiva feminista, favorecem um ambiente social em que o debate sobre as questões das mulheres floresce, começando assim a ser refletidos e desnaturalizados.

Para essas mulheres, a participação comunitária estimulada pelas perspectivas feministas e agroecológicas representa o início de um processo de emancipação, que muda suas vidas, abrindo caminhos, trazendo autonomia e poder de decisão. As experiências são somadas e assim o empoderamento individual é compartilhado no coletivo e o empoderamento coletivo rebate positivamente no empoderamento individual. A participação das mulheres nas discussões relacionadas ao acesso de



mercados institucionais, políticas públicas e a filiação das mesmas nos sindicatos rurais também se constituem em importantes passos para o início de um processo de empoderamento, iniciado a partir do contato com as questões que envolvem a agroecologia. Essas questões, associadas a uma metodologia feminista, potencializam a participação das mulheres nesses espaços, incentivando-as a ocupar os espaços de decisão e sinalizam uma importante contribuição das agricultoras para reivindicações de políticas públicas que considerem em desigualdades de gênero no campo.

Experiências baseadas exclusivamente na perspectiva agroecológica, por si só, não são suficientes para que a desvalorização e a invisibilidade das mulheres sejam problematizadas. Um tema que ilustra claramente essa insuficiência é o tema da violência. As várias formas de violência – física, sexual, psicológica - praticadas pelos homens contra as mulheres dentro e fora de casa as colocam em desvantagem e dificultam a prática da agroecologia por parte delas. É comum as agricultoras relatarem situações em que as mulheres são impedidas de ter acesso aos insumos necessários para suas plantações; em que suas opiniões não são levadas em consideração; em que não têm poder de decisão sobre os rumos da unidade de produção familiar; e também são relatados casos de violência doméstica física e psicológica dentro de propriedades trabalhadas em um enfoque agroecológico. Todos esses casos demonstram que persistem problemas enfrentados por elas no que se refere à violência de gênero.

A participação das mulheres nas discussões do campo do feminismo associado à agroecologia permite que elas se deparem com diversos pontos controversos de suas vidas. A partir do questionamento das violências sofridas, é possível o início de um processo de desnaturalização dessas violências e a minimização do impacto negativo dessa situação em suas vidas. O encontro das perspectivas agroecológica e feminista pode impulsionar a mulher a compreender que alguns impedimentos vivenciados por ela, como por exemplo, o de ir para uma reunião, é causado pelo patriarcado. Após conflitos internos e externos, muitas mulheres apoiadas pelo coletivo de mulheres encontram o apoio para questionar o patriarcado. A partir daí algumas conseguem ir de encontro ao seu empoderamento, alterando situações de opressões vivenciadas até então. Entretanto, esse processo não é automático e pode ser perdido, caso não seja exercitado. Assim, é necessário que essas mulheres continuem vivenciando processos emancipatórios, tanto na perspectiva agroecológica, quanto na perspectiva feminista. Para isso é necessário um esforço coletivo de todos envolvidos em Extensão, Ensino e Pesquisa no sentido de abrir espaço para que as mulheres atuem enquanto sujeitos de suas vidas, através da junção das perspectivas feminista e agroecológica.

### **Referências bibliográficas**

AGUIAR, Maria Virginia, et ali. Mulheres no Congresso Brasileiro de Agroecologia. **Agriculturas**. v.6, n.4, p. 46-48, dezembro de 2009.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



CALAÇA, Michela K A dos Santos. **Rompendo a cerca do isolamento**: as relações entre a Agroecologia e as questões de gênero. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Serviço social. UFPE. Recife. 2012.

FERREIRA, Ana Paula Lopes. **Acercamiento entre las perspectivas feminista y agroecológica potencializando procesos de empoderamiento de las mujeres rurales brasileñas, desde el territorio del Pajeú, Sertão del Pernambuco**. Tese de doutorado, 2015. Universidad de Córdoba, Programa Recursos naturales y sostenibilidad y adscrito a la línea de investigación: agroecología. Córdoba, 2015.

FERREIRA, Ana Paula. **La importância de la perspectiva feminista en el empoderamiento de las mujeres campesinas**. Máster en Agroecología, Universidad de Córdoba e Universidad Internacional de Andalucía, directores Emma Siliprandi e Angel Calle, 2008.

JALIL, Laetícia. **As flores e os Frutos da luta**: o significado da organização e da participação política para as Mulheres Trabalhadoras Rurais. Tese de Doutorado, UFRRJ, 2013.

MOREIRA, Sarah Luiza de Souza. **A contribuição da Marcha das Margaridas na construção das políticas públicas de agroecologia no Brasil**. 2019. 197 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural). Faculdade de Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PACHECO, Maria Emília. Os caminhos das mudanças na construção da Agroecologia pelas mulheres. In. **AGRICULTURAS: EXPERIÊNCIAS EM AGROECOLOGIA**. Mulheres construindo a agroecologia. Rio de Janeiro, v.6, n.4, dez. 2009

SÁNCHEZ, Gloria Patricia et al. **Agroecología en Femenino**: Reflexiones a partir de nuestras experiencias. La Paz, Estado Plurinacional de Bolivia. Socla, 2018.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.